

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ALINE PATRÍCIA RIBEIRO DA FONSECA

**Discutindo a relação
aluno de PAV x professor de PAV: reflexões acerca de uma turma
de aceleração da**

Escola Municipal Michael Pereira de Souza

CONGONHAS

2012

ALINE PATRÍCIA RIBEIRO DA FONSECA

**Discutindo a relação
aluno de PAV x professor de PAV: reflexões acerca de uma turma
de aceleração da**

Escola Municipal Michael Pereira de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude e Escola, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Congonhas

2012

ALINE PATRÍCIA RIBEIRO DA FONSECA

**Discutindo a relação
aluno de PAV x professor de PAV: reflexões acerca de uma turma
de aceleração da
Escola Municipal Michael Pereira de Souza**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude e Escola, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Faculdade de Educação da UFMG

Carla Linhares Maia – Faculdade de Educação da UFMG

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os jovens estudantes que buscam na escola um futuro melhor, e aos educadores que buscam nos seus alunos o futuro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me iluminar nos momentos difíceis. Ao meu marido Abner, minha família e meus amigos, pela compreensão nos momentos em que estive ausente, mas sempre estiveram do meu lado me incentivando e acreditando no resultado desse trabalho. Aos professores do LASEB, que contribuíram muito com seus conhecimentos e dedicação, e em especial ao meu professor-orientador Paulo Henrique, pela paciência. E a toda equipe do LASEB /UFMG, que sempre foram muito solícitos para comigo, até mesmo nos momentos em que me encontrava enferma no hospital. À minha amiga, colega de turma da pós e colega de profissão Vanderlúcia, por estarmos desenvolvendo esse trabalho, pensando na melhoria da nossa escola.

RESUMO

Este plano de ação apresenta uma experiência de se trabalhar junto aos alunos do PAV (Projeto Acelerar para Vencer) da Escola Municipal Michael Pereira de Souza, que são vistos pela escola como alunos que atrapalham as aulas, pois, por serem alunos em defasagem idade-ano, acredita-se que eles estão lesando a escola e se prejudicando por seu desempenho escolar irregular. São vistos como alunos do fracasso por terem um desempenho marcado pela defasagem dos conteúdos curriculares. Frente a isto, o projeto de intervenção aqui exposto buscou ao invés de castigá-los ou ditar regras, tratar de ouvir, apreciar, acolher e conversar com estes alunos, buscando uma forma de fazê-los pensar, ponderar, avaliar e, talvez mudar atitudes. Por meio de várias atividades de auto-conhecimento, de questionários sócio-culturais, de filmes e conversas, procurou-se a aproximação com esses alunos. Usando como referencial teórico os estudos sobre juventude, o universo juvenil hoje e sua relação com a escola, pensou-se aqui, em formas de colaborar para uma relação aluno-escola e aluno-professor mais bem sucedidas e tranquilas. Apesar do tempo curto de aplicação do projeto, obtivemos ótimos resultados, confirmando, também, que a conversa e o respeito é o caminho para um bom relacionamento com os jovens.

Palavras-chave: Juventude – Indisciplina – Diálogo – PAV

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	11
2.1 HISTÓRICO	11
2.2 DESCRIÇÃO FÍSICA DA ESCOLA	11
2.3 DESCRIÇÃO FÍSICA DA COMUNIDADE ESCOLAR	12
2.4 ASPECTOS RELATIVOS AOS SUJEITOS DA ESCOLA	12
2.5 ASPECTOS RELATIVOS AOS JOVENS ESTUDANTES NA ESCOLA	14
2.6 ASPECTOS RELATIVOS AOS JOVENS DENTRO E FORA DA ESCOLA	15
3. JUSTIFICATIVA	17
4. SITUAÇÃO PROBLEMA	18
5. OBJETIVOS	20
6. REFERENCIAL TEÓRICO	21

7. METODOLOGIA	23
8. AÇÃO	26
8.1 PREPARATIVOS	26
8.2 PROCEDIMENTOS REALIZADOS	26
8.3 RESULTADOS ALCANÇADOS	28
8.4 PONTOS POSITIVOS E PONTOS NEGATIVOS	30
9. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	31
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
11. ANEXOS	35
12. REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Ser jovem hoje em dia não é fácil, são muitas as lutas enfrentadas pelos jovens, a miséria, o desemprego, a falta de esperanças por um futuro melhor. Além disso, muitos ainda lutam contra os mais variados tipos de preconceitos, entre eles, os que são excluídos por não terem um diploma, conseqüentemente não conseguem um emprego, com isto, só tende a crescer o número de jovens marginalizados e sem expectativas com a escola e até com a vida. E até mesmo a mudança na estrutura familiar, no olhar de algumas pessoas há o preconceito, às vezes alguns jovens perdem a oportunidade de emprego por tão unicamente não terem na identidade o nome do pai registrado. Ao tentar compreender e atuar de alguma maneira sobre essa situação, é preciso observar que, segundo Dayrell, (2007),

as instituições classicamente responsáveis pela socialização, como a família, a escola, o trabalho vêm mudando de perfil, estrutura e também de função. Por conseguinte, os jovens da atual geração vêm se formando, se construindo como atores sociais de forma muito diferente das gerações anteriores, numa mudança de tempos e espaços de socialização, que interfere diretamente nas formas como eles vivenciam o seu estatuto como alunos.

É o momento de todos se interrogarem sobre o seu papel, pais, professores e, também os alunos e de como cada um pode contribuir da melhor forma no processo educativo.

Diante da necessidade de se conhecer os motivos da evasão escolar, da infrequência, do desinteresse, da indisciplina e até mesmo da dificuldade de aprendizado, e observar as conseqüências negativas que acarretam e desencadeiam todos esses fatores, é proposto, como trabalho, para a disciplina da ACPP – Análise Crítica da Prática Pedagógica, um plano de ação, no qual os próprios estudantes serão protagonistas de uma investigação, tendo como enfoque o olhar e a percepção do jovens do Projeto PAV (Acelerar para Vencer) da Escola Municipal “Michael Pereira de Souza”, primeiro turno.

Esse trabalho pretendeu identificar as causas para seu comportamento inadequado e inconveniente ao aprendizado, visando mudança de atitude, para que a sala de aula se torne um ambiente mais tranqüilo, propiciando a aprendizagem. Buscou-se, oferecer a estes alunos, momentos de fala e escuta, dando-lhes atenção e oferecendo um espaço para eles pensarem, refletirem, opinarem e até darem sugestões e soluções que pudessem ser agregadas ao dia-a-dia da escola. Foram oferecidas atividades nas quais o aluno falasse de si e de sua realidade cultural dentro e fora da escola.

O objetivo deste trabalho foi melhorar as relações aluno-professor e aluno-escola, para que essas relações fossem menos conflituosas e mais tranqüilas e proveitosas. E que o aluno, pudesse repensar suas atitudes, buscando um novo olhar sobre a escola, fazendo-se com que isso melhore a sua aprendizagem e a harmonia no ambiente escolar. E é nesta conjuntura, que apresento uma pequena parcela de contribuição, oferecendo aos alunos atenção e uma mediação entre eles e os professores, buscando uma relação melhor, uma vez que o aluno é o foco do trabalho. O bate-papo, a escuta e o respeito, convertem-se em ações e atos, que se fizeram resultados apresentados neste trabalho.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1- Histórico:

A Escola Municipal “Michael Pereira de Souza” integra a rede municipal de ensino de Congonhas, está situada à rua Danilo José Gonçalves Ferreira s/n, no bairro Praia. A criação desta escola tem como objetivo atender aos alunos de 6º ao 9º anos do ensino fundamental de Congonhas. Foi criada pelo decreto 3.733 de 12 de janeiro de 2.004. Denominada Escola Municipal “Michael Pereira de Souza” em homenagem a este grande homem, incansável colaborador nas causas sociais de Congonhas, especialmente através da Sociedade de São Vicente de Paula.

2.2 - Descrição Física da Escola:

Pesquisei com as serviçais da escola, sobre tudo o que há na escola de estrutura, então descobri o quanto a Escola Municipal “Michael Pereira de Souza é grande, porque ela possui: *17 salas de aula,*1 sala de professores,*1 sala de reunião ampla,*2 salas de informática com 32 computadores,*1 sala de multimeios,* 1 sala de vídeo,*1 ampla biblioteca,*1 secretaria,*1 sala de supervisão,*1 sala de orientação,*1 sala de direção,*2 salas de recuperação,*1 sala de inclusão,*1 sala de apoio,*2 salas do projeto “Vale Juventude”,*1 sala de arte,*1 sala de desenho,*1 sala de música,*1 sala de jogos,*1 cozinha, *1 cantina,*1 refeitório,*12 banheiros,*1 galpão com 4 salas,*1 vestiário masculino com chuveiro e banheiro,*1 vestiário feminino com chuveiro e banheiro,*1 depósito de alimentos,*1 depósito de material de limpeza,*1 quadra,*estacionamento e uma extensa área verde, que os alunos usam para conversarem durante o recreio. Possui ainda um anexo com 5 salas e dois banheiros. Toda essa estrutura é utilizada por alunos, professores, funcionários e a comunidade escolar.

2.3 - Descrição Física da Comunidade Escolar:

Como foi citada acima, a escola, localiza-se no bairro Praia, que é plano, com poucos morros. Atende alunos de mais 12 bairros do entorno que a cercam. São vizinhos os bairros Centro, Tijucal, Campinho, Matriz, e Dom Oscar entre outros. É um bairro com moradores de baixa renda, sendo daí a origem da maioria dos alunos da escola.

No bairro há poucas opções de lazer, somente praças, uma quadra, um campo de futebol, um ginásio poliesportivo, e a Associação de Amigos do Bairro Praia. As opções de lazer mais atrativas são pagas dificultando o acesso dos alunos (clubes esportivos somente para sócios, lanchonetes, pizzarias, etc.)

2.4 - Aspectos relativos aos sujeitos da Escola Municipal “Michael Pereira de Souza”

A escola possui nos seus dois turnos 47 professores, uma diretora, um vice-diretor, uma orientadora, duas pedagogas, duas secretárias, duas bibliotecárias, um laboratorista de informática, uma inspetora de alunos, cinco cantineiras e dois porteiros. Há ainda três auxiliares de serviços gerais terceirizadas. Como a escola encontra-se em reforma, há vários funcionários contratados pela prefeitura para a execução da obra, como: pedreiros, pintores, eletricitas, etc...

A participação dos pais traz apenas benefícios, qualquer que seja a idade do aluno. Para começar, a participação dos pais está diretamente ligada ao sucesso acadêmico, facilita transições como da educação infantil para o ensino fundamental, fortalece os vínculos sociais, ajuda a formar valores e estimula a inclusão, seja dos portadores de deficiência, ou seja, dos que provêm de outras culturas e etnias. Por isso, a escola tenta fazer um envolvimento progressivo, que vai da participação nas reuniões formais e informais, passa pela atuação em eventos como voluntários e chega à participação em decisões colegiadas, mas os pais nem sempre estão

prontos a marcar presença, envolvidos numa rotina intensa de trabalho. No entanto, quando as reuniões são feitas no horário em que se adéqua as possibilidades dos pais, estes comparecem em grande número.

Na rua da escola há uma banca onde se vende balas, doces, e alguns pequenos itens escolares, como por exemplo, lápis e borracha. Com isso, os alunos já chegam à escola abastecidos de guloseimas, algumas até proibidas durante o horário de aula, como o chiclete, que deixa o aluno distraído.

A escola abriga o projeto "Arte na Escola", trata-se de um projeto da Prefeitura de Congonhas, em que, aos sábados, os jovens aprendem informática, a tocar instrumentos e fazer diversos tipos de artesanatos. Desenvolvem também o "Horta na Escola", em que os alunos do grêmio em consonância com as professoras tutoras do Grea, plantam árvores e hortaliças na escola, para serem acrescentados na merenda escolar de todos. Conta ainda com os Amigos da Escola, que fazem teatro sobre histórias antigas, palestras sobre violência e outros temas. Entretanto, os professores da própria escola, também desenvolvem pequenos projetos nas salas, e quando estes despertam o interesse dos alunos, são repassados para os outros professores para que sejam feitos em toda a escola.

A escola participa do Projeto Vale Juventude, que é feito em parceria com a empresa Vale que se localiza a alguns quilômetros de Congonhas. Nesse projeto é feito com os alunos várias oficinas e palestras tratando de vários assuntos como convivência e auto-estima. Também há o Projeto PROERD, que é desenvolvido em conjunto com a Polícia Militar que, um policial treinado desenvolve aulas sobre violência e anti-drogas.

2.5 - Aspectos relativos aos jovens estudantes na escola

Através de pesquisa de dados, na secretaria da Escola Municipal “Michael Pereira de Souza”, foi relatado que, na parte da manhã há 16 turmas com 328 alunos, que contemplam os 8º e 9º anos, e o PAV 1 e PAV 2. Já na parte da tarde, há 13 turmas com 241 alunos, que compõem os 6º e 7º anos.

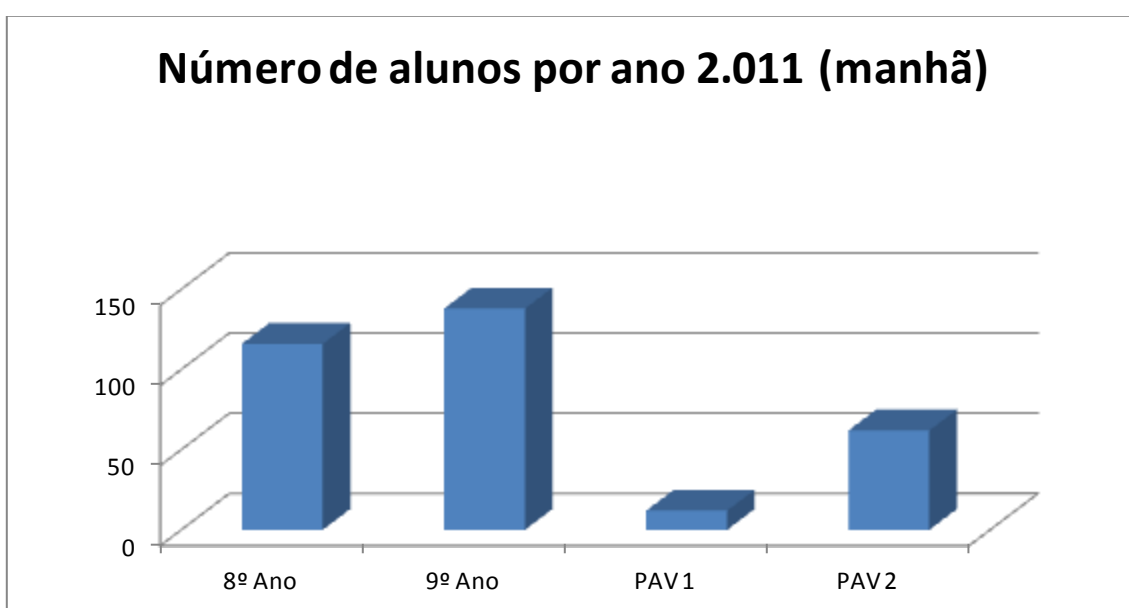


Figura 1- Corpo Discente da Escola Municipal Michael Pereira de Souza Fonte: Secretaria da Escola - 2.011

O nosso aluno pertence a uma camada social de baixa renda, com muitos e, às vezes, graves problemas sociais (moradia, vestuário, alimentação, desemprego, violência, drogas, etc.). Há na escola aproximadamente 166 alunos bolsistas do governo (bolsa escola, bolsa família). Esse número corresponde há um terço dos alunos. Mas, o mais agravante, é a falta de perspectiva, e muitas vezes de esperança, uma escola que não é mais garantia de ascensão social e que eles não vêem muita relação com a vida prática. A revolta advinda das dificuldades financeiras em contraponto à necessidade de consumir o tempo todo, a falta de contato mais próximo com pai e mãe que orientam e educam, uma vez que pai e mãe devem trabalhar atualmente, diminuindo o contato com os filhos, e relegam a

educação dos filhos a outros. Essa realidade é crescente na nossa escola, fazendo com que os problemas de relacionamento e comportamento dos alunos aumentem a cada dia.

2.6 - Aspectos relativos aos jovens estudantes dentro e fora da escola

. As informações descritas abaixo resultam de uma pesquisa feita a partir de conversas com os alunos e questionários sócios culturais, que estão anexos no final desse trabalho, e que foi aplicados no 2º semestre de 2.011, representando uma amostragem do PAV, sendo que, responderam ao questionário um total de 72 alunos.

Há poucos espaços para a sociabilidade (encontros e convivência dos jovens) e lazer na escola e no bairro. Na escola eles usam a sala de multimeios para assistirem filmes; a sala de informática para acessarem as redes sociais; o pátio e a área verde no recreio, e a quadra para jogar principalmente vôlei. Na escola, havia poucos projetos nesse sentido. Agora, ampliaram-se um pouco estas oportunidades com o “Arte na Escola”, que oferece arte, música, dança, artesanato e teatro aos sábados. Já no bairro, há também poucos espaços para a socialização, que lhes possibilitem o desenvolvimento do sentimento coletivo, da solidariedade social. Há algumas oportunidades de participação em atividades nas igrejas no entorno da escola; e eles (não muitos alunos) participam de grupos de dança ou esporte fora da escola. Mas, os locais de encontros dos jovens se restringem às ruas; algumas praças; um poliesportivo; e Lan Houses. Existe também, o Parque da Cachoeira, um parque do município de Congonhas, onde tem piscinas e uma cachoeira, mas, a entrada é paga, e nem todos os alunos tem condições de freqüentar.

Através das pesquisas e dos questionários feitos e aplicados por mim, sobre os locais e/ou atividades que os jovens do PAV freqüentam e participam, obteve-se o seguinte resultado:

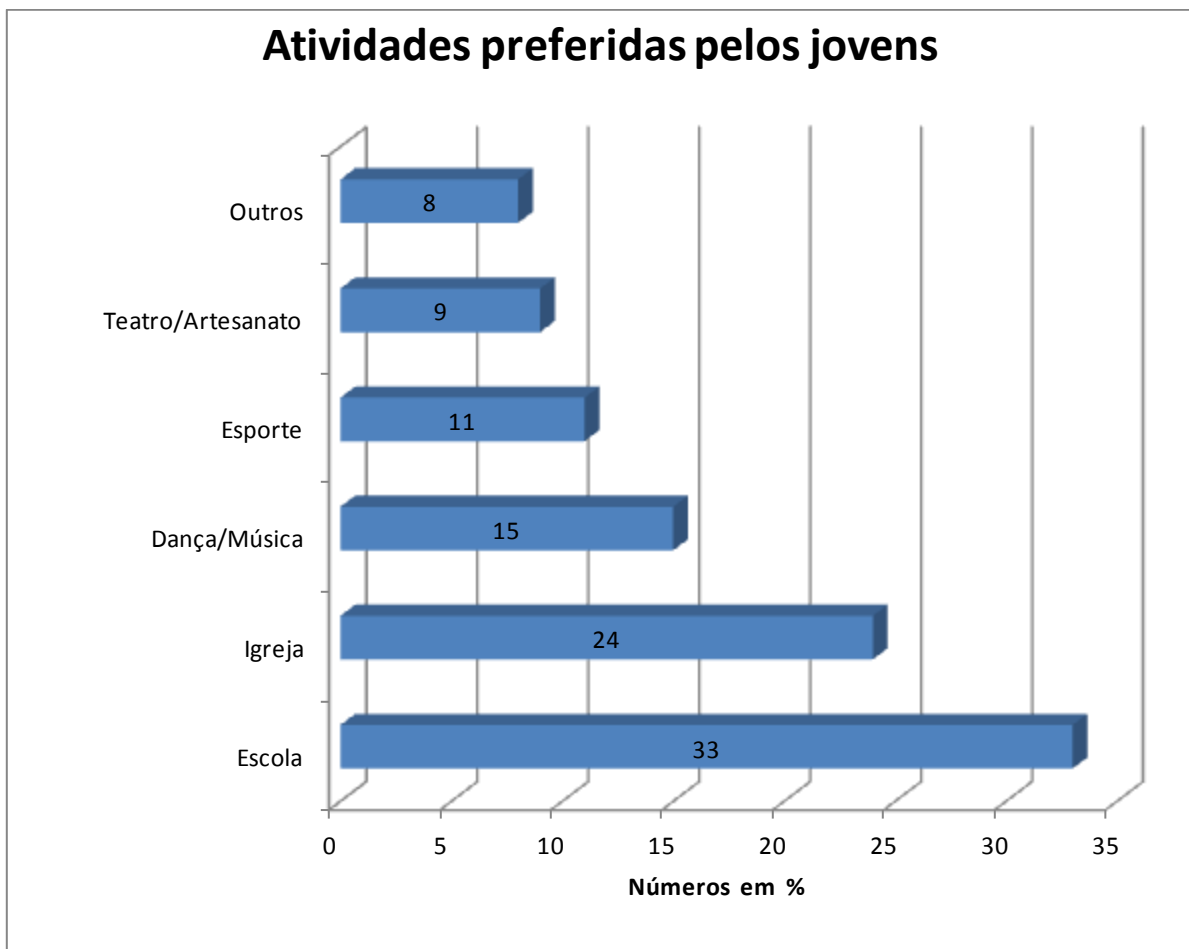


Figura 1- Atividades que vem em primeiro lugar para os jovens Fonte: Coleta de dados através do questionário sócio-cultural feito e aplicado por mim.

3. JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa teve por objetivo investigar a indisciplina, o desinteresse e a dificuldade de aprendizado em sala de aula e sua relação com a ação docente. Trata-se de um plano de ação que buscou indicativos de respostas. A coleta de dados deu-se na Escola Municipal Michael Pereira de Souza, e os sujeitos da pesquisa foram alunos do PAV1 E PAV2, e seus professores. A coleta de dados ocorreu a partir de observações em sala de aula e de alguns questionários. Os resultados indicam que a falta de disciplina durante a realização do trabalho pedagógico, a falta de responsabilidade com os afazeres escolares e o desinteresse pelo conteúdo ensinado na sala de aula refletem negativamente nas aulas.

A falta de espaço e oportunidades para os jovens construírem sua subjetividade, traz muitos problemas, pois eles utilizam o espaço de sala de aula para este fim, deixando os estudos para segundo plano. Com isto, os professores se queixam por não conseguirem dar aulas, e o desempenho escolar é muito baixo, fazendo-se com que os alunos tenham somente um conhecimento básico das matérias, e aumentando a indisciplina e o desinteresse.

Diante desses problemas, torna-se imprescindível compreender, sob o olhar dos estudantes, quais os significados que a escola traz em seu contexto atual e o que ela representa para essa juventude, buscando respeitar a sua condição juvenil, suas peculiaridades e também seus desejos.

4. SITUAÇÃO PROBLEMA

A atualidade ocasionou várias mudanças para a nossa sociedade. Os enormes avanços tecnológicos, a globalização, o consumismo, a rapidez com que as informações chegam até nós, a carência de tempo em que somos contidos, os novos feitiços de família, enfim, são múltiplos os fatores que vem mudando o comportamento das pessoas. Velhos valores, hoje, estão declinados, desvalorizados, fora de moda. A família, a escola, a igreja, responsáveis pela formação de muitos jovens, estão hoje em novos formatos e configurações que não são os do passado. Tudo isso se encontra expresso e presente nas ações dos jovens que estão nas escolas.

As mudanças que vem ocorrendo no meio escolar e na sociedade, gerou alguns fatores para os nossos jovens, dentre eles: a falta de expectativa, e muitas vezes de esperança, por uma escola que não é mais garantia de ascensão social e que os jovens não observam muita relação com o seu cotidiano, a revolta decorrida das dificuldades financeiras em inversão à obrigação de se consumir o tempo inteiro, a ausência de contato com os pais que educam; não só na classe baixa, mas isso ocorre em qualquer classe, uma vez que os pais tem de trabalhar, restringindo o contato com os filhos e relegando a educação dos filhos à outros. Ligando todos esses fatores, observa-se como o mundo mudou, no entanto, a escola não mudou tato assim, são sujeitos novos em uma velha estrutura. De acordo com Fanfani (2000) e Sposito (2005),

os jovens trazem para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola.

Também dificulta a falta de expectativa e, também de esperança dos professores que se sentem a cada dia mais desrespeitados pelas políticas públicas, sem contar o execrável salário, e a formação difícil e desvalorizada, é cada um lutando por si, mas todos com as mesmas dificuldades.

Assim, isso tudo vem enfadando muito, e impossibilitando o trabalho dos professores, pois a cada dia é crescente o número de alunos que perturbam as

aulas, prejudicando a aprendizagem. Além de se prejudicarem, atrapalham o rendimento das aulas e estão quase sempre desinteressados, bloqueando para si e para os outros alunos o acesso a uma aula de qualidade, pois a indisciplina se faz crescente, a dificuldade de aprendizado é grande e por conseguinte obtém-se um baixo rendimento escolar. Contudo, isso não é somente o que há de problemas, estes mesmos alunos, possuem dificuldade de adaptação à rotina escolar, e nem sempre tem os materiais necessários para estudar dentro da mochila, apesar de ganhar tudo da prefeitura municipal de Congonhas.

Em meio a todos esses acontecimentos que vem mediando a relação aluno/escola e aluno/professor, está esse em que os professores criam expectativas de encontrar nas salas de aulas alunos considerados “perfeitos”, para então, desenvolverem o seu trabalho, no entanto, a realidade encontrada é bem diferente. Há enfim, um jovem cujo pleito no momento, é adverso ao que os professores e a escola esperam dele. Ao estabelecer-se como aluno, o jovem vive a imprecisão entre seguir as regras da escola e exercer as demandas propostas pelos professores, orientadas pela visão de “aluno perfeito”, e ao mesmo tempo, afirmar a subjetividade juvenil por meio de influência mútua, atitudes e valores que guiam a ação de seu grupo. (DAYRELL 2007) a falta de espaço e de oportunidades para a vivência da cultura juvenil, tanto na comunidade onde vivem e na escola, transforma a sala de aula em um de seus poucos espaços e oportunidade, o que entra em choque com a cultura tradicional de sala de aula. Não são todos os alunos que se encontram nestas circunstâncias, mas estes, em alguns momentos conseguem apoio do restante da sala. Conseqüentemente, um trabalho mais duradouro, e mais focalizado nestes poucos alunos, talvez obtivesse um resultado maior. Se faz indispensável momentos de fala e escuta, e algumas atividades que façam estes alunos refletirem e avaliarem, para assim, terem oportunidades de escolhas, opostas as estas que eles vinham fazendo. Um acompanhamento mais de perto, faz com que aos poucos resultados sejam atingidos.

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral:

Favorecer o diálogo entre professor e aluno, fazendo com que o professor reconheça e valorize a trajetória do aluno de PAV. Dar oportunidade aos alunos, de falarem de si e sobre o que acontece na escola, para que possamos melhor compreendê-los.

5.2 Objetivos Específicos:

- *Proporcionar momentos de escuta entre professor e aluno.
- *Prática didático-pedagógica diferenciada para favorecer a discussão sobre as relações em sala.
- *Análise crítica dos conflitos professor-aluno e sua real origem.
- *Busca de soluções para a indisciplina e o desinteresse presente no dia-a-dia desses alunos.
- *Oferecer atividades para que esses alunos se auto-conhecerem.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo os jovens, o principal foco desse trabalho, é necessário uma reflexão sobre os mesmos. Segundo (DYRELL, 2007),

a escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta.

E segundo (PERALVA, 1997),

não há uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem.

Onde e como, nesta educação massificante que considera que um professor pode ensinar a muitos da mesma forma, compreender, acolher e dialogar com essas juventudes? Cabe aqui questionar porque, os jovens tem dificuldade de se adaptarem as regras e normas implantadas na escola e no cotidiano deles?

É antepondo-se a esse aspecto da massificação promovida pela escola que NOGUEIRA (2010), diz que não se pode perder de vista o frescor trazidos por esse jovens observados na escola a apontarem uma apropriação e reinvenção do espaço escolar mesmo que a revelia de suas exigências de integração. A escola que se faz presente para esses alunos, não os reconhece como jovens, e com isso eles tem enorme dificuldade em se construir como alunos nos padrões estabelecidos pela escola e esperados pelos professores. Sacristan (2003) nos diz que, o jovem se torna aluno em um processo no qual interferem a condição juvenil, as relações intergeracionais e as representações daí advindas, bem como uma determinada cultura escolar.

Daí que surge a grande barreira na relação juventude e escola. Esse processo tem que ser explícito, para melhor compreendê-lo, se assim quisermos nele intervir. Entretanto, diz DUBET (2006),

tornar-se aluno não é a submissão a modelos prévios, ao contrário, consiste em construir sua experiência como tal e atribuir sentido a este trabalho.

Antes de se tornar aluno, o jovem necessita entender sua condição juvenil e relacioná-la ao estatuto de aluno, para entender para que serve e se utiliza os estudos, dando sentido a aprendizagem e estabelecendo um projeto de futuro. Deste modo, que as relações dentro da escola devem ser trabalhadas de forma a serem negociadas, que formam e transformam e que, segundo (SACRISTAN, 2005), elas são margens de flexibilidade e tolerância, que são decisivas no exercício da individualidade de cada sujeito, como liberdade para poderem ser eles mesmos.

7. METODOLOGIA

A intenção desse trabalho é no primeiro momento, um atendimento individual, os alunos selecionados são chamados separadamente para uma entrevista de opinião sobre se gostariam de participar deste trabalho. Após ter ouvido um a um, passa-se a um trabalho coletivo, aplicando-se questionários por mim elaborados, e assistindo-se aos vídeos, para que assim, haja uma coleta de dados, que possa ajudar na elaboração de soluções para os problemas descritos pelos alunos. A seleção dos alunos que participaram do trabalho foram previamente combinadas com a direção e a coordenação da escola, que no caso foram todos os alunos do PAV. Em uma conversa com os professores da escola, foi visto o livro de ocorrências, e juntamente com a coordenação foi feita uma lista de “alunos-problema”, para que estes sejam os alvos principais deste trabalho, contudo, os alunos de bom rendimento, não foram eliminados.

Público Alvo:

Alunos do Pav 1 e 2 do Ensino Fundamental.

Pessoas envolvidas no desenvolvimento:

Professora de Espanhol: Vanderlúcia Aparecida da Costa

Pedagoga: Vânia

Apoio: todos os professores da escola.

Local e Período:

Nos espaços da Escola Municipal Michael Pereira de Souza (salas de aula, sala de vídeo, pátios, etc.); e de 5 de setembro à 28 de outubro.

Descrição das ações:

1ª Etapa:

- Seleção do PAV como público-alvo para desenvolvimento da prática pedagógica.
- Levantamento de dados acerca da infrequência e evasão escolar do PAV durante os anos letivos de 2.010 e 2.011.
- Pesquisa feita a partir de conversas, entrevistas e questionários sócios culturais com os alunos do PAV, representando uma amostragem, aplicados no 2º semestre de 2.011 para fins deste trabalho.
- Apresentação do projeto para os outros professores e direção.

2ª Etapa:

- Conversa informal com o grupo de alunos apresentando a proposta de trabalho, seu objetivo e desenvolvimento.
- Conversa sobre o que eles pensam a cerca dos temas: indisciplina, desinteresse e dificuldade de aprendizado.
- Levantamento de questões acerca dos temas para as entrevistas.

3ª Etapa:

- Entrevistas individuais.
- Entrevistas coletivas, registradas por escrito .
- Aplicação dos questionários semanalmente para todos os alunos.
- Filmes sobre temas escolares, para a aplicação de debates em coletivo.
- Discussão e reflexão a respeito de opiniões e idéias dos jovens estudantes entrevistados sobre os temas propostos.
- Produção de desenhos e cartazes que ilustram os temas discutidos.

Recursos Materiais:

- Folhas de ofício.
- Cartolina.
- Revistas para recorte.
- Lápis, canetas e canetinhas.
- Cola e tesoura.
- Filmes alugados.
- Microsistém e cd's.

Recursos Financeiros:

Quase todos os materiais foram fornecidos pela escola, com exceção dos filmes.

- Aluguel dos filmes: R\$32,00.

8. AÇÃO

8.1 Preparativos

Na primeira etapa, fiz, em primeiro lugar, uma consulta com os colegas professores e coordenação pedagógica sobre os alunos do PAV que mais atrapalham as aulas. O segundo passo foi fazer um levantamento sobre infrequência e evasão escolar do PAV, durante o período letivo de 2.010 e 2.011.

Como terceiro passo, da 1ª etapa, elaborei algumas atividades para os alunos, para um pretexto para conversas, chamando-lhes um a um, dizendo a eles que seria uma pesquisa para melhorar a escola, perguntando se gostariam de participar. Como recebi somente respostas positivas, então, dei início ao trabalho.

Assim, partindo para a 2ª etapa, houve mais algumas conversas informais para dar prosseguimento aos trabalhos. Impliquei os temas como a indisciplina, dificuldade de aprendizado e o desinteresse, de forma a fazê-los refletirem um pouco, falando sobre eles, mas sem esboçarem escritas no primeiro momento. Portanto, consegui várias falas, para fazer o levantamento de questões, tão logo sendo usadas na 3ª etapa, onde seriam aplicadas as atividades propostas e partindo para a ação.

8.2 Procedimentos Realizados

Este projeto de intervenção, consta de atividades de autoconhecimento para haver uma reflexão e auto-avaliação dos próprios alunos; e atividades de sugestões e comparações, visando que eles mesmos, busquem melhorias e repensem suas atitudes perante a escola e suas próprias vidas.

Nos meses de setembro e outubro, o projeto foi aplicado na escola. As atividades sempre eram aplicadas nas sextas-feiras, em um dos meus horários de aula, dentro de sala ou em algum outro espaço da escola, para que houvesse um

ambiente diferenciado e mais tranquilo, propício para a execução dos procedimentos.

A primeira atividade foi uma atividade de auto-conhecimento, para eles falarem um pouco de si, do que gostam ou não gostam, dos sonhos e futuro, de como usam o tempo livre, da relação com os pais, e uma rapidinha sobre alguns temas, como por exemplo: sexo, drogas, religião, Deus e etc.

A segunda atividade foi um questionário sócio-cultural, (em anexo) porém foi dividido em 4 partes, para não ficar muito exaustivo. Neste tipo de abordagem, procurei entender melhor o que eles gostam, e para que, eles se auto-avaliassem quanto ao comportamento deles na escola, e a relação aluno-professor. Após ler todos os questionários em casa, anotei algumas observações sobre as respostas mais intrigantes, e novamente, fizemos um debate sobre as opiniões e respostas dadas por alguns alunos nos questionários, com o objetivo não somente de mudar algumas falas negativas, mas também, fazê-los ver novas formas de vivenciar a escola e a própria vida.

A terceira atividade foram os filmes: “Vem dançar”, “Cidade dos homens” e “Pro dia nascer feliz”. Foram assistidos um por semana, sendo necessário usar horários de alguns colegas professores, mas que não se importaram, pois apoiavam a iniciativa do trabalho que, também melhoraria suas relações com os alunos. Logo após aos filmes, eram discutidos os temas centrais de cada um, e feitos ainda cartazes e desenhos para ilustrar e abranger o que dos filmes eles absorveram.

Para a maioria das atividades, foram usadas somente um horário (50 minutos). As conversas e debates foram formas de se tentar ser mais próximos dos alunos, buscar reflexões e mudanças de atitudes, e para que eles se expressassem mais sobre outros assuntos, sentindo confiança nos professores.

No começo, a maioria dos alunos ficavam tímidos, ou até mesmo constrangidos em falar de alguns temas, mas com o passar do tempo, foram se soltando e conversando à vontade. Procurei elevar todas as falas e pontos positivos nas escritas, aquilo que, para eles era motivo de orgulho, assim, pedia mais elementos e elucidações, fazendo com que sentissem mais vontade de falar. A conversa fez

crescente a nossa proximidade, e na qual procurei demonstrar respeito, atenção e uma relação amigável.

A maioria não gosta de falar da família, por estarem inseridos em modelos diferenciados de família que não é o das tradicionais. Mas gostam de falar de assuntos que incide sobre o universo juvenil.

8.3 Resultados Alcançados

A primeira atividade, de auto-conhecimento, me surpreendeu muito. Os alunos ficaram bem à vontade, conversaram com bastante naturalidade, apenas se sentiram um pouco constrangidos em relação à família, pois, alguns sentiram um pouco de vergonha de falar que não sabia quem era os pais biológicos, entretanto, exaltavam as mães, por serem batalhadoras e estas, seriam as principais fontes de renda familiar deles. Contudo, por ser uma atividade de auto-conhecimento, apenas um aluno não se sentiu bem à vontade para fazê-la, se sentiu constrangido e não participou de nenhuma das outras atividades.

Já a segunda atividade, um questionário sócio-cultural, foi mais produtiva ainda, por se tratar de perguntas do interesse do universo deles, ficaram mais agitados em participar do nosso encontro para esse trabalho do que quando é a minha aula normal de matemática. Em relação às perguntas dadas no questionário, nota-se que eles gostam de se mostrarem informados em relação a determinados assuntos, e que, valorizam a escola sim, da maneira deles, mas julgam ser importante estudar para ter uma profissão e ajudar as famílias. Antepondo-se a isso, valorizam a escola como um espaço de socialização entre eles, e também como um lugar onde podem fazer outras atividades, como por exemplo, o sábado do “Arte na escola”, onde se trabalha muito a música e as atividades manuais. De acordo com Dayrell (2007), Os jovens querem visibilidade, querem se mostrar, contrapondo com a visão que se tem deles (negativa e que são um vir a ser). As culturas juvenis são formas de comunicarem o que sentem, vivem, como vêem o mundo. É difícil para o jovem pensar em futuro. Para ele o presente é o tempo dominante.

À medida que as atividades vão se desenrolando, e os alunos falam de suas atitudes na escola, tentam escapar um pouco de falar o que de errado fazem, é um pouco incômodo. Eles sabem distinguir perfeitamente o que é errado fazer, e concordam que devem mudar, apesar de não terem um propósito. Alguns afirmam que querem mudar e que até tentam, às vezes, mas o grupo lhes dificulta, criticando aqueles que querem ter um bom comportamento. Martuccelli (2000) diz que

a relação em sala de aula baseia-se em um triângulo instável entre o professor, o aluno, e o seu grupo, e que a tensão existente aí revela a busca do jovem em integrar-se ao sistema, e, ao mesmo tempo, afirmar sua individualidade, como sujeito, utilizando as mais variadas estratégias.

E por fim, a terceira atividade, os filmes, que se destacaram muito na relação dos alunos, todos gostaram de assisti-los e fizeram intensos comentários, onde gerou-se a idéia de transformar todas essas falas positivas em cartazes. Dividi-los em grupos de três alunos, e assim, eles poderiam soltar a criatividade usando as canetinhas e gravuras que achassem que fossem representativas para eles nos filmes. O resultado foi inacreditável, consegui enxergar passagens do filme que, anteriormente não tinha percebido. Os cartazes ficaram excelentes e muito representativos, com boa ilustração e uma ótima interpretação dos temas propostos.

A partir das atividades, a minha relação pessoal com alunos envolvidos nesse trabalho, (que até então, não seria tão ruim) melhorou mais ainda, até mesmo com o aluno que se recusou a participar das atividades. Ele ainda não está produtivo, mas melhorou seu comportamento em sala nas minhas aulas. E alguns alunos que eram mais tímidos e arredios, tornaram-se mais acessíveis, conversam comigo, me perguntam sobre outros assuntos, até mesmo alguns assuntos que foram abordados no meu projeto, e passaram a participar mais nas minhas aulas de matemáticas.

8.4 Pontos Positivos e Pontos Negativos

Enfatizo como ponto positivo nesse trabalho, a melhoria nas relações aluno-professor e aluno-escola. Com isso, até mesmo a fisionomia dos alunos melhoraram, ficaram mais gentis e de melhor acessibilidade, mesmo que seja para cobrar algo. Conhecê-los melhor, também ajuda aos professores, (como eu), a planejar melhor as aulas, fazendo que as aulas sejam mais criativas e menos massantes. E aponto como ponto negativo desse trabalho, somente o tempo curto para a aplicação do mesmo, se conseguíssemos mais tempo, talvez chegaríamos a resultados mais intensos. Mas avalio como muito positivo o que fizemos e os resultados até rápidos.

Portanto, o objetivo desse trabalho foi alcançado parcialmente, pois, os alunos se sentiram valorizados, e puderam repensar suas atitudes, alguns melhoraram, não somente na minha aula, mas nas dos outros professores também.

9. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Acompanhar os alunos do PAV da Escola Municipal Michael Pereira de Souza funcionou bem, principalmente os casos de indisciplina, ou seja, alcancei os objetivos esperados, apesar do pouco tempo de aplicação do projeto. Percebi o quanto se faz necessário essa aproximação com os alunos, conversar com eles, oferecendo estes momentos de fala e escuta refletindo sobre a escola.

Terminando este trabalho, entendi o quanto é importante o diálogo e a relação aluno-professor e aluno-escola, e o quanto estamos afastados dessa prática, submersos pela prática escolar que abrange organizar conteúdos, o número de alunos, as proposições curriculares, etc. E nessas dinâmicas, não aparece o aluno com seus problemas e dificuldades para serem abrangidas. A escola tem suas regras e normas, mas não tem tempo para momentos de diálogo e escuta com seus alunos. Segundo (HERNÁNDEZ, 2002 p.20): o diálogo oferece a oportunidade para expandir, reconsiderar uma questão ou problema e procurar compreendê-lo de diferentes maneiras o que, por sua vez, permite desenvolver a consciência de aprender e impulsionar estratégias de pensar sobre a própria aprendizagem. Além disso, a partir do diálogo, enfatiza-se a reflexão a investigação crítica, a análise, a interpretação e a reorganização do conhecimento.

Os alunos que participaram desse plano de ação disseram no questionário (quando perguntado a importância da escola para eles), que a escola proporcionaria um bom futuro para eles, mesmo sendo às vezes chata, e que esta não representava motivo para ascensão profissional, somente era uma garantia de emprego. Expressava-se então um dilema vivido por esses alunos. E que, segundo (DAYRELL, 2007), a escola se pauta por uma visão de futuro e o jovem totalmente inverso no viver o presente. Nesse período de muitas dúvidas, eles demandam da escola um momento de escuta, um espaço no qual possam pensar, refletir, avaliar, fazer suas escolhas. Que a escola ofereça recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir sua vida.

Nota-se que, os alunos sentem-se à vontade ao falarem das coisas que gostam e não gostam, dos temas relativos à juventude, e gostam de se mostrarem informados. Contestam à visão negativa que se tem deles na escola, de que são indisciplinados e desinteressados. Querem mostrar características positivas, daí cresce a necessidade do jovem de se mostrar, de expressar sua identidade juvenil, fazendo com que esse posicionamento perante a escola seja negativo. Mas como criar essas oportunidades para que eles vivenciem essa condição juvenil? Dayrell diz que o mundo da cultura aparece como espaço de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil.

Apresenta-se a importância dos colegas e do grupo formado por alguns, na forma como eles influenciam sua maneira de atuar e agir. A sociabilidade é outro aspecto do universo juvenil, como cita (PAIS, 1994), os amigos do

grupo constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros, enfim, um espaço de afinidade e afetividades.

Com poucas opções de sociabilidade no entorno desses jovens, a escola, torna-se um desses poucos espaços, é o lugar onde os jovens se encontram para conversarem, trocarem experiências, se mostrarem, alterando o dia-a-dia da escola, e o comportamento esperado em sala de aula.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos deixar de ter como foco em nosso trabalho o SER HUMANO. Precisamos valorizar as pessoas. Uma frase de Walt Disney ilustra bem essa idéia: “Você pode sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo... Mas é necessário TER PESSOAS para transformar seu sonho em realidade”. Estamos envolvidos com pessoas em nosso dia a dia: alunos, professores, pais, coordenadores, orientadores e diretores e, por isso, precisamos aprender a trabalhar em equipe para obter uma instituição forte, competente e coesa. A qualidade é obtida através do esforço de todos os seus integrantes, onde cada profissional é importante e cada aluno também. A escola é uma organização humana em que as pessoas somam esforços para um propósito educativo comum.

Perante a uma realidade difícil, o primeiro intuito desse plano de ação foi encontrar sugestões, ou quem sabe soluções, para o problema de indisciplina, que acarreta outros problemas, como por exemplo, o desinteresse e a dificuldade de aprendizado. Durante todo o curso, foi discutido os problemas que envolvem o universo juvenil hoje e suas relações com a escola, por isso, entendi que, promover os momentos de fala e escuta desses alunos, seria o início de tudo. Notei que, na escola, quando esses alunos eram convocados, mas falavam do que ouviam. Decidi, então, trabalhar no sentido de ouvi-los, preparando atividades, como instrumentos para falarem. Os resultados foram positivos, provando que a conversa aproxima mais as pessoas, e que, mudam as relações, tornando-se mais fácil o convívio, e o abarcamento dos alunos com o aprender.

A finalidade do projeto era compreender e incluir esses alunos, o que começou, assim como propiciou também aos alunos, o seu auto-conhecimento, levando-os a repensarem seus atos. Descrevo aqui, se iniciou, porque o tempo para aplicação do projeto foi curto, houveram poucas conversas e debates, mas resultados apareceram de forma rápida.

Creio que escutar o aluno e acolhê-lo, é um passo importante e indispensável aos trabalhos com essa juventude. Temos que pensar em como viabilizar ações

desse tipo no cotidiano escolar. Fazem-se hoje, propagandas de uma intervenção pedagógica com esses alunos, mas somente é feitos reforços dos conteúdos escolares, e não há momentos de escuta e acolhimento em que esses jovens possam avaliar a envoltura com os estudos e até dar sugestões. É importantíssimo, que o professor tenha um tempo para esse atendimento, e que nos projetos curriculares, sejam incluídas atividades de auto-avaliação e reflexões acerca de juventude.

O curso Juventude e Escola, mostrou novas formas de compreender melhor a realidade em que vivemos hoje na escola. Aprendi muito, nas aulas e na aplicação desse projeto, mesmo sabendo que não há receitas e nem fórmulas prontas, mas que é preciso compreender o que acontece, e se buscar formas para conviver melhor com os jovens, e fazê-los compreender a realidade. É neste sentido, que o curso mostrou-me uma melhor compreensão de juventude, transformando o meu olhar e meus anseios em relação a eles. Hoje, procuro ouvi-los e compreendê-los.

11. ANEXOS

11.1 CRONOGRAMA

Atividades desenvolvidas	SETEMBRO				OUTUBRO			
	05	12	19	26	03	10	17	24
	á	á	á	á	á	á	á	á
	09	16	23	30	07	14	21	28
*Apresentação do projeto para direção e professores.	Vande e Aline							
*Aula explicativa sobre o projeto para os alunos.		Vande e Aline						
*Palestra sobre o projeto para os pais.			Vande e Aline					
*1º Questionário para os alunos.				Aline				
*Análise por Aline.					Aline			
*1º Questionário para os professores .				Vande				
*Análise por Vanderlúcia.					Vande			
*Entrevista coletiva com professores (Grupo de diálogo).						Vande e Aline		
*Seminário com apresentação dos resultados para professores e alunos (Nova prática).							Vande e Aline	
*Aplicação de novo questionário para comparação de resultados.								Vande e Aline

11.2 QUESTIONÁRIO DE AUTO-CONHECIMENTO

Nome: _____ Idade _____

*Responda usando somente SIM ou NÃO:

() Tem Pai () Mãe () Irmãos

() Namorado(a) () Amigos

() Estuda () Trabalha

*RAPIDINHA: Usando apenas **uma palavra**, diga o que você pensa sobre:

Amor _____ Namorado (a) _____

Família _____ Amigos _____

Escola _____ Professor _____

Disciplina _____ Trabalho _____

Namoro _____ Sexo _____

Diversão _____ Esporte _____

Violência _____ Drogas _____

Vida _____ Futuro _____

Respeito _____ Solidariedade _____

DEUS _____ Religião _____

- O que você **mais** gosta de fazer?

- O que você **menos** gosta de fazer?

- Qual o lema da sua vida?

11.3 QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL (parte 1)

1. Apresente-se: nome completo e idade

2. Qual seu signo?

3. Do que mais gosta na sua aparência? E o que mudaria?

4. Qual foi o seu maior mico?

5. O que deixa você com raiva?

6. Qual a sua maior qualidade e o pior defeito?

7. Qual o assunto predileto de sua turma?

8. Pratica esportes? Qual o seu favorito?

9. Qual a sua música favorita? E sua banda?

10. Qual é o filme de sua vida?

11. O que você mais gosta de comer?

12. Se você fosse um animal, qual seria?

13. Se pudesse ser um personagem de um filme, qual seria?

11. 4 QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURA (parte 2)

14. Que presente gostaria de ganhar?

15. Qual seu programa de televisão favorito?

16. O que você considera importante numa amizade?

17. Qual seu ator preferido?

18. Qual sua atriz preferida?

19. Qual a profissão quer seguir? Por quê?

20. Se você pudesse ter poderes mágicos, qual escolheria?

21. O que você carrega na mochila ou na bolsa todos os dias?

22. Qual a primeira coisa que gosta de fazer quando acorda?

23. Gosta de piercing ou tatuagem?

24. Você prefere o dia ou a noite?

25. Qual sua cor preferida?

26. Qual a sua religião?

27. Escreva uma frase que você gosta muito:

11.5 QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURA (parte 3)

28. Você tem medo de quê?

29. Qual é a viagem dos seus sonhos?

30. O que você faz para melhorar o mundo?

31. O que você gostaria de perguntar para mim? (não há nenhum compromisso de que eu vá responder)

32. O que você gostaria de pedir ao presidente da republica?

33. Se soubesses que o mundo acabaria amanhã, o que você faria hoje?

34. Qual seu site preferido?

35. Qual sua revista predileta?

36. Qual seu livro preferido?

37. Qual sua matéria preferida?

38. Qual sua opinião sobre as drogas?

11.6 QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURA (parte 4)

39. Como você imagina que vai estar daqui a 10 anos?

40. Conte um dos momentos mais inesquecíveis de sua vida?

41. Quem você desejaria que um marciano levasse embora da Terra?

42. O que você mudaria na sua sala?

43. O que você mudaria na escola?

43. O que acha dos seus professores?

44. Quais as regras que são seguidas na escola? E quais não são?

45. Desenhe você mesma (o):

12. REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Pedro. Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. Oeiras: Celta, 2003.
- DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. Revista de Estudos sobre Juventude. V.1, n.22, p. 128-147, 2005.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996 p. 136-16.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade. Campinas. V. 28, n. 100, 2007.
- DUBET, François. Sociologie de l’expérience. Paris: Seuil, 1994.
- FANFANI, Emílio. Culturas juvenis y cultura escolar. Documento apresentado no seminário Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio. Brasília/MEC, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- HERNÁNDEZ, F. O diálogo como mediador da aprendizagem e da construção do sujeito na sala de aula: Pátio Revista Pedagógica, Porto Alegre, Artmed, Ano VI, v. 22, Jul/Ago 2002.
- MARTUCELLI, Danilo. Em La escuela: sociologia de La experiência escolar. Buenos Aires: Losada, 1997.
- NOGUEIRA, Paulo Henrique. Juventude: entre a indisciplina e a zoação. UFMG/CNPq, 2010, p. 1-20.
- PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993, p. 94.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, ANPED, nº 5/6, 1997.
- SACRISTÁN, José Gimeno. O aluno como invenção. Porto: Porto Editora, 2003.
- SPOSITO, Marília P. . A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo social. Revista Sociológica da USP. São Paulo, v.5 n. 1/2, 1993, p. 161-178.

